



VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A VISÃO DE EDUCANDOS E EDUCADORES

VIOLENCE AT SCHOOL: THE VISION OF EDUCATION AND EDUCATORS

¹MIRANDA, Fernanda Cristina Aléssio

RESUMO

A violência no cotidiano escolar tem se tornado uma grande preocupação da sociedade. A observação que temos feito é a de que são praticadas nas escolas públicas inúmeras tentativas de tolher a violência em seu espaço, sem, no entanto, a realização de um estudo efetivo sobre suas bases e repercussões que possam resultar numa mudança prática. Os segmentos escolares em geral interpretam a violência de forma diferenciada e não são viabilizados nas instituições espaços para elucidar essa temática. De modo que entendemos ser necessária a investigação do conceito e da percepção da violência antes de qualquer tentativa de sua superação dentro da escola ou em contexto global. Esta pesquisa foi então desenvolvida a partir da necessidade de se promover uma investigação sobre os diferentes conceitos de violência de um grupo de educandos e seus respectivos educadores, em especial investigar sua compreensão e o valor que atribuem àquela de caráter simbólico, apontada por Bourdieu e Passeron (1970). Procuramos através desta investigação relacionar a visão desses educandos e educadores com o intuito de analisar a situação por eles vivenciada. Os resultados nos permitiram concluir a ausência da percepção da violência simbólica na escola, indicando uma interpretação simplista desse fenômeno. Para se trabalhar esta problemática nas escolas, julgamos importante a implantação de estratégias reflexivas, incluídas na proposta pedagógica e elaboradas a partir do diálogo entre os segmentos que participam de sua formulação e interpretação.

Palavras chave: Violência escolar; Conflitos em educação; Violência simbólica; Recuperação de Ciclo.

ABSTRACT

Violence in school daily life has become a major concern of society. The observation we have made is that in the public schools countless attempts are made to prevent violence in its space, without, however, carrying out an effective study on its bases and repercussions that may result in a practical change. School segments in general interpret violence in a differentiated way and are not feasible in institutions spaces to elucidate this issue. So we understand that it is necessary to investigate the concept and perception of violence before any attempt to overcome it within the school or in a global context. This research was then

¹ Mestre em Educação e professora no Ensino Superior de Pedagogia e Licenciaturas, Centro Universitário de Jales, (Unijales), Jales, SP e Diretora de Escola na Educação Básica, E.E. José Belúcio, Fernandópolis, SP.
Recebido: 20 de julho de 2018; Aceito: 14 de setembro de 2018.



developed from the need to promote an investigation on the different concepts of violence of a group of students and their respective educators, in particular to investigate their understanding and the value they attribute to that of a symbolic character, pointed out by Bourdieu and Passeron (1970). Through this research, we seek to relate the vision of these students and educators in order to analyze the situation experienced by them. The results allowed us to conclude the absence of the perception of symbolic violence in the school, indicating a simplistic interpretation of this phenomenon. In order to work on this problem in schools, we consider important the implementation of reflexive strategies, included in the pedagogical proposal and elaborated from the dialogue between the segments that participate in its formulation and interpretation.

KEYWORDS: *School violence; Conflicts in education; Symbolic violence; Cycle Recovery.*

INTRODUÇÃO

Aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar, que precisou reprimir. Esse mecanismo deve ser conscientizado, da mesma forma como deve ser fomentada uma educação que não mais premie a dor e a capacidade de suportá-la (ADORNO, 1995).

O presente artigo sofreu adaptações, no entanto, em linhas gerais deriva de um capítulo da dissertação de Mestrado apresentada por nós em 2007, no Centro Universitário Salesiano de Americana. O fragmento destacado partiu do questionamento que nos surgiu como educadora em um momento específico da atuação, são questões relacionadas à violência escolar. E, refletindo sobre a abrangência dessa problemática, atentamos para o fato de que a instituição escolar, pouco discute essa temática. Parecem viver uma conspiração de silêncio sobre a violência no cotidiano da escola, a vivenciam em muitos momentos, mas reduzem-se a narração dos fatos, sem reflexão do fenômeno.

Buscando esclarecimentos para nossos questionamentos, refletimos o que vem a ser *violência escolar*. Seria apenas a depredação da estrutura física? Será que poderíamos resumir nossa questão à “indisciplina” em sala de aula? Ou estaria a violência escolar escondida nos livros de advertências, de suspensões das escolas, etc.?

Decidimos então, investigar sistematicamente apoiados na metodologia científica como os participantes da escola concebiam o significado da violência, em específico a escolar, bem como deles destacar os momentos que observam a manifestação de violência, condutas de perseguição e intimidação no meio escolar.



O público escolhido foram os estudantes e professores de uma escola pública de Santa Bárbara D'Oeste – SP, onde estávamos na oportunidade trabalhando. Esses sujeitos faziam parte do projeto de Recuperação de Ciclo II.

A classe de recuperação de ciclo é constituída por alunos retidos nos finais dos ciclos, ou seja, 5º ou 9º Ano, atendendo a Deliberação CEE nº 09/097 e a Indicação CEE nº 08/97 que institui, no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada no ensino fundamental e sua divisão em ciclos. Esses estudantes são agrupados em uma mesma classe, em um número menor que a média das outras salas, cerca de vinte e cinco para a realização de uma ação exclusiva, que segundo a Secretaria de Educação tem como objetivo, através de um ano de trabalho diferenciado com programação específica, o atendimento às reais necessidades dos alunos, auxiliando-os na construção e retomada de habilidades e conteúdos não desenvolvidos durante o ciclo, possibilitando-os prosseguir satisfatoriamente os estudos.

Todavia, após três anos de trabalho ministrando aulas nas turmas de Recuperação de Ciclo II (9º Ano), ficamos avaliando o quanto realmente esta ação preparava o aluno para o prosseguimento de seus estudos, visto que não pareciam demonstrar interesse pelo conteúdo apontado, pelas atividades propostas. Ao contrário, tratava-se de um grupo de difícil convivência, com inúmeros conflitos entre os próprios estudantes e destes para com os demais da equipe escolar, diversas advertências, suspensões, convocações de pais.

Em conversas com os estudantes, estes declararam que não gostavam de estar nesta sala, pois eram evidenciados como repetentes e bagunceiros. Acreditavam serem os conteúdos desinteressantes, “atrasados” em relação a outros anos e que temiam não se sair bem no ensino médio por falta de preparo nesta sala, mas paradoxalmente concordavam com suas reprovas, pois tinham “zoadado” o ano todo e mereciam ser punidos pelo mau comportamento. Um cotidiano desgastante se apresentava no trabalho com este grupo, os responsáveis ao serem convocados pela direção dificilmente davam retorno à escola.

O momento de trabalhar com esta turma era receado pelos professores, pois não sabiam como seriam tratados. O dilema começava ao se chegar na sala, pois uma parte dos alunos não estava presente; alguns educadores optavam por ir buscá-los e os encontravam espalhados pelo pátio, pelas quadras da escola, ou então não os encontrava, quando alguns já tinham pulado o muro e se evadido da escola. Atendendo ao pedido do professor, eles vinham caminhando lentamente, paravam um pouco na porta, gritavam com outros colegas, que a esta altura, também tinham se espalhado pelo corredor e, por fim, o educador conseguia



arrebanhá-los, mas na aula vários não se importavam em desenvolver as atividades, conversavam muito e até dormiam debruçados nas carteiras.

O iniciarmos nossos estudos bibliográficos acerca das definições de violência, vimos que este universo, embora pouco discutido nas escolas, era vasto e precisaríamos fazer um recorte à luz de um referencial teórico que julgássemos mais apropriado para análise da temática no cenário específico pesquisado. E, após diversas leituras nos identificamos em reconhecer em especial, as percepções e os valores que esses sujeitos atribuem à violência de caráter simbólico, que segundo Bourdieu e Passeron (1970), nem sempre é visível, porém permeia as relações de desigualdade existentes na escola.

Com efeito, uma violência que se manifesta de maneira sutil, quase que imperceptível e vai muito além da violência explícita, a violência simbólica.

A violência simbólica se expressa na imposição dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo. Considera a situação natural e inevitável e, assim, procura conformar-se.

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força (BOURDIEU, 1975, p. 19).

A violência simbólica, por não utilizar os meios da violência direta, seja física ou armada, torna-se mais difícil de ser percebida ou mesmo categorizada e combatida. Ela pode ser minimamente sentida, mas não detectada com clareza e, muitas vezes, prescreve-se como mão invisível agindo sobre a sociedade. Porém, suas consequências são evidentemente desastrosas, em especial para a formação de uma sociedade justa e igualitária.

A metodologia escolhida foi a pesquisa participante, pela ligação do pesquisador com os sujeitos de sua investigação, tendo contato com suas vidas, com suas histórias e sensibilizar-se com suas experiências, possibilitando o aproveitamento desta vivência para a construção de interpretações de maior riqueza e proveito para própria comunidade.

Foi feito o levantamento por meio de questionários com questões abertas e fechadas. Buscamos também conhecer suas visões sobre violência escolar, identificar os momentos em que observam a manifestação de violência, condutas de perseguição e intimidação no meio



escolar, saber se estabelecem uma relação entre o projeto de Recuperação de Ciclo II e a violência simbólica.

A VISÃO DOS EDUCANDOS SOBRE A VIOLÊNCIA NA VIDA ESCOLAR

Nossas atividades são umas de (primário) é como se chamassem a gente de burros, sem falar (fala de um dos estudantes pesquisados).

No questionário destinado aos estudantes, tivemos a participação de quatorze deles. Para não delongarmos a tabulação dos dados obtidos, optamos pelo agrupamento das respostas a cada pergunta em grupos de interpretação, organizando-as em tabelas, apresentando de um lado as respostas e justificativas e do outro o número de alunos que as responderam.

Ao término de cada tabela, apontamos nossas considerações acerca das respostas dadas, mas devido ao limite estipulado para publicação deste artigo destacamos reflexões sobre as informações obtidas e em alguns momentos exibimos as tabelas e os respectivos apontamentos.

Tabela 1 – Respostas à pergunta: “O que você acha de ter sido reprovado (a)?”

Ruim, por perder tempo, fazer a série de novo, ver os colegas indo e ficar para trás, ser motivo de gozações e perder a confiança dos pais.	6
Justo, por faltar muito, por não estudar, não vir para escola.	3
Ruim, mas justo por ter parado de estudar, não ter prestado atenção, “bobear”.	2
Bom, por aprender coisas que não sabia, por ser melhor que passar sem saber.	2
Nada.	1

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

As respostas demonstram ser a reprovação, do ponto de vista dos estudantes, um fator de punição. Em sua maioria, por outro lado, concordaram ser ruim ter sido reprovado, mas justo, visto que não levaram “a sério” seus estudos. Somente dois dos pesquisados demonstraram preocupação com seu futuro aprendizado ao responderem ser bom ter sido reprovado para poder aprender coisas que não sabia que é melhor não passar sem saber.

Notamos a ausência do questionamento à escola sobre sua função de educar, sua função social de preparar o cidadão para a vida, para o trabalho, fragilidade em lidar com a diversidade cognitiva e cultural, estes estudantes são diferentes, pois, não aceitaram as normas estabelecidas, os padrões exigidos. Assim, os dados nos mostram com nitidez a diversidade da



natureza humana e a falta de competência da escola em lidar com ela. Ao invés de auxílio ao desenvolvimento do educando, há exclusão, o cenário não possibilita um debate sobre a eficácia da escola, seus propósitos, ações e continuamos contribuindo para uma educação de pouca qualidade que contribui para perpetuação de uma sociedade desigual.

A fala dos estudantes nos leva a acreditar na prática da violência simbólica na escola, uma vez que a instituição consegue interiorizar nos seus educandos a responsabilidade pelo seu fracasso, conforme definição dada por Charlot:

Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional dos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT 1997 apud ABRAMOVAY & RUA, 2002, p. 69).

Nas respostas à pergunta: “Como se sente estudando em uma sala com pessoas que como você também foram reprovadas?” foi observado que considerável parte dos estudantes não gostava do agrupamento dessa maneira, quatro deles e que se sentem prejudicados em algum sentido, porém a maioria apontou ser normal estudar numa sala com estudantes também reprovados. No entanto, acreditamos na justificativa para tal normalidade que algo os incomodava observado pelos olhares e dificuldade para descrever o que sentiam.

Em resposta a pergunta: “Após estudar um ano nesta sala, sente-se mais preparado (a) para no próximo ano cursar o Ensino Médio (Colegial)”? Oito dos catorze investigados não se sentem preparados para cursar o ensino médio, e não acreditam na eficácia do ano de trabalho com o projeto para sua aprendizagem e continuidade dos estudos e cinco se sentem aptos.

Tabela 2 – Respostas à pergunta: “O que você entende por violência?”

Algo errado, desumano, ruim, sem educação, péssima influência, não resolve nada só piora.	9
Nada.	2
Agressão moral e física.	1
Medo.	1
Em branco	1

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Podemos extrair dessas respostas o caráter explícito da violência como a física, a moral, a falta de educação. A maioria das respostas se limitou em descrever os sentimentos



em relação à violência como algo de ruim, que não resolve nada. Aquela que podemos interpretar como de ordem implícita, oculta, de caráter simbólico seja evidenciada no entendimento da violência como “medo”, pois acreditamos ter o medo um caráter subjetivo, construído minuciosamente ao longo do tempo e de um poder de ação devastador que pode, desde sufocar o grito de socorro da criança que se assusta à noite com o balançar da cortina de sua janela e pensa que é um monstro, até a omissão de uma jovem que é violentada pelo padrasto e não declara o fato a ninguém por medo de ser desprezada pela mãe, enfim, o medo nos possibilita o encontro com nossa subjetividade, com a limitação que por inúmeros fatores construímos em nós mesmos.

Buscando verificar se a violência sofrida em casa é uma das causadoras da banalização da violência escolar, perguntamos se: “Já sofreram algum tipo de violência em casa? Qual?” Treze dos catorze pesquisados disseram que não.

Se levarmos em consideração as respostas obtidas concluiríamos que não, mas conhecedores da realidade de alguns estudantes ficamos intrigados com as respostas em relação ao conceito e a percepção de violência que esses jovens têm e a nossa própria percepção, pois sabemos de sua condição: violência doméstica contra algumas mães, brigas, prisões de familiares, dependência de drogas, etc.

Em respostas à pergunta: “Você acha que há violência na escola? Caso sim, quais os tipos de violência que acontecem?” A maioria reconhece a existência de violência na escola, sete deles destacam nas brigas entre os alunos, palavrões, furtos, ofensas a funcionários e direção, violências segundo suas próprias falas cometidas pelos alunos. Apenas um estudante destacou a violência contra si, referindo-se ao preconceito que sofre por fazer parte da série pesquisada; tal justificativa nos remete à violência em seu caráter oculto, dissimulado, simbólico.

Tabela 3 – Respostas à pergunta: “Você sofre ou sofreu violência aqui na escola? Em qual situação?”

Não.	11
Sim, através de brigas entre alunos.	2
Moral.	1

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Apesar do envolvimento em brigas, encaminhamentos à diretoria por atitudes de desrespeito a professores e funcionários, ameaças, falta de perspectiva quanto à sua aprendizagem para ingresso no ensino médio, setenta e oito por cento dos alunos opinaram



não sofrer violência na escola. Dois alegaram sofrer violência na forma física com outros estudantes e somente um nos disse da violação moral, mas não expôs a situação em específico.

Quando perguntados: “Você acha que provoca algum tipo de violência na escola? Quando? Por favor, tente explicar por que faz isso.” A maioria dos estudantes, oito deles responderam não provocar nenhum tipo de violência na escola, porém não podemos desconsiderar àqueles cinco que não responderam ou alegaram não saber, pois essas respostas nos revelam a dúvida desses quanto às suas próprias atitudes, bem como em relação à sua percepção da violência escolar, que por meio desse questionário talvez tenha sido posta em debate.

Tabela 4 – Respostas à pergunta: “Comente um caso de violência ocorrido na escola que mais chamou sua atenção?”

Não sabe, não se lembra.	6
Brigas entre alunos.	3
Professor agredindo aluno.	2
Em branco	2
Policial batendo em pessoa que não era da escola.	1

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Ao observarmos que metade do grupo respondeu “não sei”, “não me lembro”. Pensamos em duas possibilidades para estas respostas, uma de recusa em delatar o fato por pressa, desinteresse; outra de caráter subjetivo, que nos remete ao ajuizamento da banalização da violência pelos educandos pesquisados, de forma que acreditem como violentas somente aquelas manifestações físicas brutais. Como estas, talvez, não tenham presenciado para não nos fornecer uma resposta simplista, sem maiores fatalidades, optaram por não responder. Quanto às respostas diferentes, percebemos a relevância dada somente à violência explícita praticada principalmente entre alunos e em dois exemplos de professores contra estudantes.

A VISÃO DOS EDUCADORES SOBRE A VIOLÊNCIA NA VIDA ESCOLAR

O questionário foi aplicado a oito professores da turma, na sala dos professores da referida escola, foram entregues as perguntas para que respondessem individualmente e nos devolvessem, obtivemos retorno de cinco questionários, estes foram utilizados para análise dos dados.



Para simplificar a identificação dos sujeitos, os nomeamos de 1 a 5, sendo fixa sua ordenação em cada pergunta.

Tabela 5 – Respostas à pergunta: “Como você avalia a aglomeração dos alunos da RCII, em uma única classe para a implementação de um trabalho diferenciado?”

Prof. 1	Péssima, de pouco rendimento.
Prof. 2	Esses alunos estando em uma única sala, dificultam muito o andamento do projeto, pois eles não têm interesse em aprender.
Prof. 3	Não é bom, os próprios alunos se sentem excluídos e o material diferenciado também não funciona, os que saírem dessa série para a seguinte, vão ter dificuldade de acompanhar os outros colegas que vieram da série regular, devido o material que foi trabalhado com eles.
Prof.4	A progressão continuada tem seus pontos positivos, porém seu ponto negativo está na aglomeração dos alunos com dificuldades em uma só sala dificultando o trabalho do professor, pois geralmente esses alunos são rebeldes e em influência de um outro.
Prof.5	Um preconceito social, mas como recuperação em alguns casos, é até viável.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Os educadores apontam por meio dessas respostas a discordância na aglomeração desses alunos em uma única sala por diversos motivos, como acentuada indisciplina, influência negativa uns para com os outros, o fato de ao se sentirem discriminados, rebeldes, adotam atitudes para demarcar essa condição.

Por meio desses relatos consideramos difícil e complexo a realização com qualidade do processo ensino aprendizagem, e, principalmente julgamos esse ambiente pouco propício ao diálogo, ao estabelecimento do trabalho reflexivo, em que os estudantes possam ser e sentir-se não só receptores de conteúdos historicamente acumulados, mas também partícipes da própria aprendizagem.

Em resposta à pergunta: “Como você vê a eficácia desse projeto para a aprendizagem dos alunos?” Os professores foram unânimes em responder que o projeto não é eficaz para a aprendizagem dos alunos, uma vez que é aplicado somente nesta sala, o que os evidencia como diferentes, e também por apresentar uma defasagem em relação aos programas adotados para as outras séries. A fala dos educadores acentua como motivo para a reprovação desses alunos sua falta de interesse por aquilo que lhes era oferecido e não necessariamente por dificuldades, consideram suas capacidades cognitivas como suficientes, a reprovação se deu pelo descuido com sua própria aprendizagem.

Essa falta de interesse nos remete ao pensamento de como a escola está organizada, o quanto responde às perspectivas dos jovens. Responsabilizar somente aos estudantes pelo seu insucesso na escola é uma maneira ingênua de lidar com uma problemática muito mais ampla



e complexa, que vai muito além do interior da sala de aula e demonstra também a fragilidade da escola em atender e cumprir sua função social.

Nas respostas à pergunta: “Como é o comportamento dos alunos dessa sala, comparando-a com outras que você trabalha?” Fica claro que os professores consideram o comportamento desses alunos como mais difícil comparado aos outros de outras salas. Parece-nos certa a necessidade que o grupo tem de evidenciar-se naquilo em que se destacaram e foram classificados por toda comunidade escolar como indisciplinados, repetentes, rebeldes, difíceis de lidar e conviver em grupo.

Tabela 6 – Respostas à pergunta: “Você identifica violência nessa sala? De quais tipos?”

Prof. 1	Sim, não respeitam a escola, professores e agredem-se mutuamente, depredam as apostilas, pois elas trazem assuntos chatos, não condizente com a idade/ série.
Prof. 2	Sim, falta de respeito com professores e colegas, palavrões de baixo calão, depredação de materiais e patrimônio público, agressão física entre eles e com alunos de outras salas.
Prof. 3	Sim. Agressões físicas e verbais.
Prof. 4	Infelizmente existe todo tipo de violência nesta sala: física, psicológica, moral, entre outras.
Prof. 5	Quando ocorreu em minhas aulas foram às violências verbais.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A maioria reconhece a existência de violência de diversas ordens que ocorrem nessa turma, durante o recreio, nas aulas, nos corredores, com agressões físicas ou verbalizadas, bem como pichações nas paredes, depredação do prédio e agressões aos professores, roubos, confronto de turmas, uso de drogas, falta de respeito no trato com o professor e colegas.

Nas respostas à pergunta: “Quais as razões que você identifica para a existência de violência nessa sala, em específico? ” Os educadores responsabilizam boa parte destas atitudes como decorrência da sociedade agressiva em que vivenciada na sociedade. No entanto, concordam como sendo também responsáveis pelas manifestações de violência desse grupo à própria condição que foram submetidos pela escola, por meio de seu sistema de ensino, que os evidencia em seus aspectos negativos, no seu insucesso, adotando uma postura de discriminação. A esse respeito, comenta Guimarães:

É evidente que os problemas familiares, econômicos, políticos e emocionais interferem no desenvolvimento desta violência, cotidiana, na escola, mas eu acredito na existência de uma violência específica gerada no interior da própria escola (GUIMARÃES, 1996, p. 68).



Na escola, há um ocultamento, descaso para refletir a violência estimulada pelas ações da própria escola.

Na pergunta: “Para você o que é violência?” Não podemos verificar por meio das respostas dos educadores um acento na violência simbólica, deram ênfase a violência explícita, de caráter principalmente físico ou verbal.

A sutileza com que a violência pode se manifestar vem permeando as relações e trazendo diversas dificuldades para o alcance dos objetivos propostos no trabalho educativo e torna ainda maior a dificuldade quando a comunidade escolar não mantém seu olhar atento para essa violência implícita, velada.

Tabela 7 – Respostas à pergunta: “O que você entende por violência escolar?”

Prof. 1	A falta de preservação do patrimônio, as drogas e a falta de respeito dos alunos, por professores e funcionários.
Prof. 2	Todos os tipos de atitudes e palavras que ofendam o bem estar da escola.
Prof. 3	Quando os alunos apresentam comportamentos agressivos, usam expressões verbais também agressivas e vulgares, destroem o patrimônio escolar, e outros.
Prof.4	Todo e qualquer desrespeito ao direito do próximo, agressões físicas, verbais e psicológicas.
Prof.5	Falta de limites, respeito e compromisso, tanto do alunado quanto de sua família com a educação, professor, patrimônio, colegas, e o fato de estarem em uma sala de RCII já é uma violência, onde ele não é incluído e sim excluído socialmente.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Na resposta acerca da visão dos professores quanto ao fenômeno da violência nas escolas, foram apresentados vários enfoques, que demonstram a amplitude e a complexidade do tema, não tendo sido visto de forma isolada, mas sim relacionado às várias questões, como as de problemas na organização familiar e social.

Chamou-nos a atenção o fato de somente um dos educadores pesquisados ter reconhecido, nas atitudes agressivas dos alunos, uma reação à indiferença da escola quanto aos seus problemas, quanto ao não atendimento às suas expectativas, à sua inclusão em um grupo que, ao invés de resgatar sua autoestima e desejo de aprender, o exclui e desmotiva.

Tabela 8 - Respostas as perguntas: “Na sua vivência de professor, que ato de violência grave já presenciou:”

“a) Praticada pelo aluno?”

Prof. 1	A falta de ética de alguns alunos para com o professor, quando um aluno disse que ia dar fim na
---------	---



	vida de um professor.
Prof. 2	Murros em colegas, atirar as carteiras com uma pesada para o corredor, ofensas verbais a professores e colegas, quebrarem carteiras, etc.
Prof. 3	Um aluno brigou com um colega de classe e atirou uma cadeira na direção do mesmo.
Prof.4	Apenas presenciei agressões verbais e psicológicas contra colegas e contra professores.
Prof.5	Vandalismo (patrimônio, veículos dos professores).

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Nas manifestações de violência praticadas pelos alunos, os educadores destacaram as agressões físicas e verbais desses contra colegas e professores e também atos de vandalismo contra o patrimônio escolar e materiais dos estudantes, consolidando novamente seus pontos de vista direcionada ao caráter explícito da violência.

“b) Sofrida pelo aluno?”

Prof. 1	Quando alguns alunos bateram muito em outro aluno e o agredido teve que pedir transferência de escola.
Prof. 2	Ofensas verbais e físicas.
Prof. 3	Agressão física pelos colegas de classe.
Prof.4	Apenas agressões verbais e psicológicas.
Prof.5	Assédio sexual; Preconceito racial.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Buscamos com as questões verificar a visão e a sensibilidade dos educadores em relação às violências sofridas por seus alunos; saber de sua percepção acerca da caracterização de seus educandos enquanto vítimas da violência no espaço escolar e não somente causadores dela. Nessa perspectiva, observamos em suas visões a prática da violência contra os estudantes, geridas principalmente pelos próprios estudantes.

O conteúdo extraído por meio das falas dos professores sobre as manifestações de violência evidencia-nos que esse fenômeno desponta como elemento significativo nas relações humanas na escola, retratando que a não consideração da diversidade poderá impedir que essa instituição possa desenvolver verdadeiramente uma de suas funções primordiais, a função social, uma vez que diversas situações parecem não ser reconhecidas como violência.

A interpretação das falas dos educandos, nos possibilitou considerar que acentuam sua visão de violência escolar no caráter principalmente físico, “brigas” e, secundariamente, ofensa verbal, praticada especialmente entre os próprios alunos. Não foi possível observar a



percepção desses jovens acerca da violência simbólica. Eles demonstram por meio de atitudes a não concordância com determinadas imposições, porém não conseguem sistematizar essas atitudes como respostas e acabam por validar estas posturas como inapropriadas.

Apesar de não gostarem de ser evidenciados como diferentes dos outros, os educandos não vêem o agrupamento na sala de RCII como uma expressão de violência. As falas são contraditórias; ao mesmo tempo em que dizem ser “normal” estar nessa sala, alegam se sentir prejudicados em relação à aprendizagem exigida em outras classes.

Não gostaram de terem sido reprovados, mas acreditam que tal medida é justa, pois reconhecem que foram negligentes com sua aprendizagem. Não compartilham a responsabilidade com a escola e seu sistema de ensino que também são negligentes, uma vez que não atendem a comunidade em seus anseios e necessidades, gerando apatia ou indiferença de seus educandos que não vêem a educação como agente facilitador de um futuro mais próspero e com garantia de condições sociais mínimas.

Os educadores têm uma crítica sobre o fenômeno da violência nas escolas, considerando-a um fenômeno em expansão, reforçado pelas desigualdades sociais e pela conjuntura familiar atual, revelando-se na escola esse reflexo.

Identificam a ocorrência de manifestações de violência, tais como brigas, xingamentos, ofensas, principalmente praticadas pelos estudantes entre si, para com os professores e o patrimônio, e somente em alguns momentos indicam a de caráter simbólico sem esclarecer com clareza suas interpretações sobre esta. Reconhecem a violência como dificultador das relações interpessoais e do desenvolvimento do processo ensino aprendizagem na escola.

Apesar de não concordarem com o agrupamento dos alunos retidos em uma única sala, somente um dos pesquisados, apontou ser a proposta de RCII uma manifestação de violência contra os estudantes. De maneira geral, não percebem com o projeto, a imposição da violência simbólica, que tende e nesse caso em específico, consegue cegar suas vítimas, uma vez que estas se culpabilizam como as únicas responsáveis pelo seu insucesso.

Observamos também que os currículos escolares não se preocupam em devassar a questão da violência e a escola vem assimilando, sem restrições, o padrão de vida coletivo, contribuindo assim para a formação de estudantes carentes de diálogo e de respeito à alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Mesmo reconhecendo a incompletude e a provisoriedade das conclusões do trabalho investigativo gostaríamos de apontar algumas considerações, tendo como base a análise do conteúdo e dos dados levantados numa realidade escolar específica, bem como as reflexões que fomos realizando durante todo o processo de pesquisa.

As observações nos permitem concluir e corroborar a nossa hipótese de ausência da percepção da violência simbólica na escola. Os segmentos que dela fazem parte, em específico os educadores, acreditam ser a violência praticada nesse espaço originária de questões sociais, estruturais e familiares; enquanto que os educandos afirmam ser gerada pela inconseqüência das atitudes daqueles que não se adequam às regras, sendo, portanto, a punição justificável.

A interpretação simplista da violência instiga-nos, preocupa-nos, uma vez que não se tem analisado no espaço escolar a tão complexa relação que a violência tem com todos os segmentos que permeiam a sociedade: entre elas, não podemos ignorar a própria relação que se estabelece dentro da instituição escolar e seu sistema de ensino, que em alguns momentos também são agentes difusores da violência.

Não há uma percepção dos jovens e seus educadores acerca da violência simbólica no cotidiano escolar, especificamente no projeto de Recuperação de Ciclo II. Os sujeitos da pesquisa não concordam com a proposta de trabalho indicada por este projeto, mas não o apontam como uma expressão de violência praticada pelo Estado contra os estudantes e seus educadores.

Consideramos que violência simbólica aplicada pelo Estado à instituição escolar através do projeto de Recuperação de Ciclo II age como mão invisível no cotidiano de seus jovens, uma vez que, ao invés de oferecer-lhes a oportunidade de recuperação de sua aprendizagem e apoio necessário para garantia de prosperidade futura, acaba por reafirmar seu insucesso, responsabilizando-o como culpado pelo seu fracasso, enfatizado pela sua falta de esforço e ausência da evolução necessária para a continuidade dos estudos com destreza.

A ausência de diálogo e reflexões acerca da violência escolar pela própria escola, tem estabelecido uma prática que corrobora a tese da violência simbólica. Podemos citar, por exemplo, que educadores responsabilizam os educandos, seus familiares e a sociedade pela violência; as famílias, por sua vez, acreditam cada vez menos na escola. Cria-se, então, nesse espaço, divisões de olhares em que cada um, para defender-se, acusa a outrem.



A violência simbólica fica consolidada na instituição escolar, atendendo a interesses de segmentos da sociedade que lucram com o despreparo da escola em resolver suas problemáticas, em atender e assistir a comunidade em suas necessidades, uma vez, que ao invés de abrir-se para o diálogo, fecha-se, divide opiniões e, assim, impede possibilidades de conjunções de ideais e organizações de alternativas que venham potencializar suas ações.

Para a abordagem da violência na escola, confiamos ser o diálogo a melhor forma de tratá-la, pois dessa forma podemos despertar a reflexão e a discussão, indicando as possibilidades para a superação dessa grave situação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ADORNO, Theodor W. *Educação após Auschwitz*. In: _____. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude, *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *A pergunta a várias mãos : a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9394/96*.

CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº. 8, jul./dez 2002, p. 432-443.

DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (orgs.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: Unesco, 2002.

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª ed. Campinas: Verus, 2005.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. *Introdução à pesquisa em educação*. 2ª edição. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2007.



GUIMARÃES, Áurea Maria. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade*. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas: Papirus, 1985.

JARES, Xesús R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2ª edição revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2002, pp. 145-161.

MARTINS, Marcos Francisco. *O valor ético-político e pedagógico do conhecimento para a filosofia da transformação de Gramsci e sua comparação com o Marxismo originário*, 2004. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MRECH, L. M. *O adolescente e a violência simbólica nas escolas*. Disponível em www.educacaoonline.pro.br/art_o_adolescente_e_a_violencia.asp?f_id_artigo=11. Acesso em: 10 de outubro de 2006, às 14h.

QUIROGA NETO, A. M. A internalização da violência. *Tempo e presença*. Rio de Janeiro, n°. 268, pp. 18 – 22, 1993.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Relatório global sobre a violência contra crianças*. ONU, 2006.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 38ª edição. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

SPÓSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n°. 104, p 58-75, jul. 1998.